



POR QUÊ?

ANA BEATRIZ MAGNO

anabiamagno@adufjrj.org.br

Não. A culpa não é da vítima. Sufocar o orçamento de uma instituição e depois criticar os efeitos trágicos de suas Escolhas de Sofia é, no mínimo, desonestidade intelectual. Na noite do último domingo, a Universidade Federal do Rio de Janeiro sofreu o maior revés em seus 98 anos de História. O Museu Nacional e o precioso acervo com 20 milhões de peças sucumbiram ao fogo e ao descaso dos governantes. Professores, estudantes e técnicos atravessaram labaredas aos prantos para catar relíquias e salvar séculos de ciência, pesquisa e cultura. Mais de 90% do material virou cinza diante de uma valente, porém impotente, equipe de bombeiros que, sem água nos hidrantes, se desdobrava para minimizar danos.

A tragédia que comoveu intelectuais mundo afora não foi suficiente para provocar um *mea culpa* nas autoridades. Ao contrário. Como abutres, os ministros do governo Temer iniciaram uma cirúrgica operação para tentar responsabilizar a universidade. Ministros da Casa Civil, da Educação e da Cultura dispararam números, misturaram planilhas, mas não contaram

que a UFRJ amarga uma sequência histórica de cortes nos repasses para custeio e investimento. Em 2014, a instituição gastou R\$ 682,5 milhões, corrigidos pelo IPCA. Para 2018, a previsão é de apenas R\$ 502,6 milhões. “A narrativa em curso é hostil à cultura, à arte e à ciência. Desrespeitam gerações que trabalharam árdua e apaixonadamente”, lamentou o reitor Roberto Leher, um dos muitos docentes que, na madrugada do incêndio, foram para a Quinta, tentar remediar o impossível.

Claro que havia problemas de manutenção no prédio. Mas claro também que eles foram provocados pela falta de recursos – em 2018, o Museu recebeu apenas R\$ 346 mil para custeio. Não havia seguro nem sistema de prevenção a incêndios. “Quer que se faça isso com uma verba simples de custeio é inviável. Não dá. Esse é o ponto. De quem é a responsabilidade? É dos governos. De todos os governos”, acusa o diretor do Museu, o paleontólogo Alexander Kellner.

Em homenagem ao Museu e aos homens e mulheres que dedicaram anos de suas vidas a construir um dos raros espaços da cidade em que a população se sentia encantada e misturada com a Ciência, o **Boletim da Adufjrj** publica uma edição especial com 12 páginas. Boa leitura!

OS MUITOS PORQUÊS

FALTOU DINHEIRO

KELVIN MELO
kelvin@adufjrj.org.br

O que aconteceu na madrugada de 2 de setembro não foi desastre nem fatalidade. O Museu pegou fogo porque a universidade não tem dinheiro suficiente para mantê-lo. O quadro piora a cada ano. A Coordenação de Gestão de Informações Orçamentárias da Câmara dos Deputados contabiliza que a UFRJ gastou R\$ 529,63 milhões com custeio e investimento em 2014 — ou R\$ 682,5 milhões, corrigidos pela inflação. Para 2018, a previsão é de apenas R\$ 502,67 milhões, um corte de quase 30%. Esse é o valor total que a universidade tem para a manutenção de suas 66 unidades. O Museu é uma delas. Em 2018, ele recebeu R\$ 346 mil da universidade. Esses repasses têm caído. Em 2016, foram R\$ 532 mil. Em 2017, foram R\$ 465.980, em valores atualizados.

“Não recebemos um centavo do Executivo para recuperação de patrimônio histórico. Temos mais de dez prédios tombados”, esclareceu o pró-reitor de Planejamento, Roberto Gambine. “A reforma da fiação elétrica em um prédio histórico ou um plano de prevenção de incêndio não cabem no atual orçamen-

GASTOS DA UFRJ* (exercícios e restos a pagar)

	2002	2006	2010	2014	2016	2017	2018**
PESSOAL	1.900,3	2.367,1	2.508,4	2.761,1	2.707,0	2.730,6	1.728,6
CUSTEIO	170,5	236,6	388,3	598,7	579,8	512,2	321,1
INVESTIMENTO	2,3	0,2	49,2	83,8	43,8	14,8	6,0
TOTAL	2.073,1	2.603,9	2.945,9	3.443,6	3.330,7	3.257,6	2.055,6

*valores atualizados pela inflação **até agosto (em milhares de reais)

GASTOS DO MUSEU*

2015	R\$ 337.771
2016	R\$ 532.069
2017	R\$ 465.890
2018	R\$ 98.115

*valores atualizados pela inflação

FONTE: Coordenação de Gestão de Informações Orçamentárias da Câmara dos Deputados



to geral”, completa.

Os R\$ 180 milhões a menos em 2018 impactam o funcionamento de uma universidade que mais que dobrou o número de alunos da graduação, desde 2002 — de 25,5 mil para 55 mil, hoje — e impõem uma difícil escolha para seus gestores. “Estamos trabalhando com déficits superiores a R\$ 100 milhões. Não conseguimos cobertura orçamentária para os meses finais do ano”, observa o pró-reitor. Para minimizar danos, as questões emergenciais das unidades são tratadas nas plenárias de decanos e diretores.

FATALIDADE

Há dois anos, a direção da instituição

tentava um acordo com o BNDES para realizar uma grande reforma estrutural — um projeto chegou ser refeito porque não cotinha plano de prevenção de incêndio. Em 6 de junho, o acordo foi enfim assinado. Seriam repassados R\$ 21,7 milhões. O dinheiro ainda não havia sido liberado por conta do cumprimento de condições contratuais e legais e de análise das restrições da lei eleitoral.

Agora, a universidade se desdobra para não perder o convênio. Na manhã de 6 de setembro, reitor e direção do BNDES se encontraram para redirecionar os recursos para a construção de um anexo do Museu para abrigar os laboratórios e a parte administrativa.

FALTOU PREVENÇÃO

■ A falta de dinheiro não é um discurso. Ela é concreta e seu efeito mais palpável ficou evidente na noite de 2 de setembro, quando uma sucessão de falhas básicas nas estratégias de combate a incêndio prolongou as chamas no Museu e potencializou a destruição do acervo. O prédio, tombado pelo Patrimônio Histórico, não tinha portas corta-fogo nem *sprinklers*. Instalações e peças não tinham seguro, providência que minimizaria, senão o estrago, o esforço da reconstrução. “Não tínhamos dinheiro para o seguro”, explicou desolada Cristiana Serejo, vice-diretora do Museu. Segundo a Reitoria, o valor inestimável de muitas peças dificultava a contratação de



TÂNIA RÉGO/AGÊNCIA BRASIL

INVESTIGAÇÃO

Polícia vai apurar causas do incêndio; falta de água atrasou trabalho dos bombeiros

seguradoras.

Em julho, um arquiteto denunciou ao Ministério Público Federal a situação do prédio. Anexou fotos de fios desencapados, gambiarras elétricas e improviso no telhado. O MPF cobrou explicações da reitoria. O Corpo de Bombeiros afirmou não ter indícios que apontassem necessidade de evacuar ou interditar o Museu. O

Iphan faz recomendações anuais à UFRJ de adequação à segurança. Ao MPF e ao Iphan, a universidade esclareceu que a providência foi a parceria com o BNDES. A UFRJ teve cinco projetos aprovados pelo Ministério da Cultura para captar pela Lei Rouanet. Só um teve recursos liberados. Os outros previam obras de modernização.

FALTA, COMO SEMPRE, PRIORIZAR A CULTURA

■ Levantamento realizado pela Agência Lupa mostra que apenas dois dos 13 presidenciáveis tratam a preservação de museus em seus programas eleitorais: Marina Silva e PT. E mesmo estes citam pouco. O documento petista diz que fortalecerá o Iphan e o Ibram para a “proteção do patrimônio cultural e

fortalecimento da política nacional de museus”. Marina afirma que se compromete a oferecer condições de funcionamento a museus, arquivos e bibliotecas”, mas não detalha a estratégia. Jair Bolsonaro sequer trata de propostas para a cultura em seu programa. O pedetista Ciro Gomes apresenta um capítulo de política cul-

tural, mas não cita especificamente museus. Ele fala em “preservação e ampliação de nosso patrimônio artístico”. Já o tucano Geraldo Alckmin promete investir no desenvolvimento da indústria criativa, diz que isso aumentará o empreendedorismo em cultura, mas não faz qualquer citação aos museus.

DEPOIMENTOS

“É uma tristeza que engasga a voz. É difícil expressar. O que se faz hoje em zoologia dependia das coleções do Museu Nacional. As pesquisas, o futuro, o que poderíamos descobrir... Queimou passado, presente e futuro”.

MARCUS VINICIUS VIEIRA
Professor do Instituto de Biologia da UFRJ



CORAGEM

Técnicos correram para salvar peças do fogo

“Toda a nossa vida profissional fica prejudicada, tanto pela perda do local quanto por arquivos de pesquisa. O Programa de Pós-Graduação em Antropologia completaria 50 anos. Tínhamos arquivos de toda essa duração.”

JOHN COMERFORD
Coordenador da Pós em Antropologia Social do Museu Nacional



AÇÃO:

Pró-reitor Eduardo Serra foi ao local

“Várias emendas que tentamos obter foram recusadas. Na festa de 200 anos do Museu, nenhum ministro compareceu. É uma tristeza ver tudo queimando. O que o público conhece é uma parcela mínima.”

LUIZ FERNANDO DIAS DUARTE
Vice-diretor do Museu Nacional

“Parece que um avião com a família de todo mundo caiu. É o mesmo sentimento de morte. Não que o Museu Nacional tenha morrido, ele vive em nós, mas a perda do acervo é irreparável.”

RENATO CABRAL RAMOS
Professor de Geologia e Paleontologia

ERA ASSIM

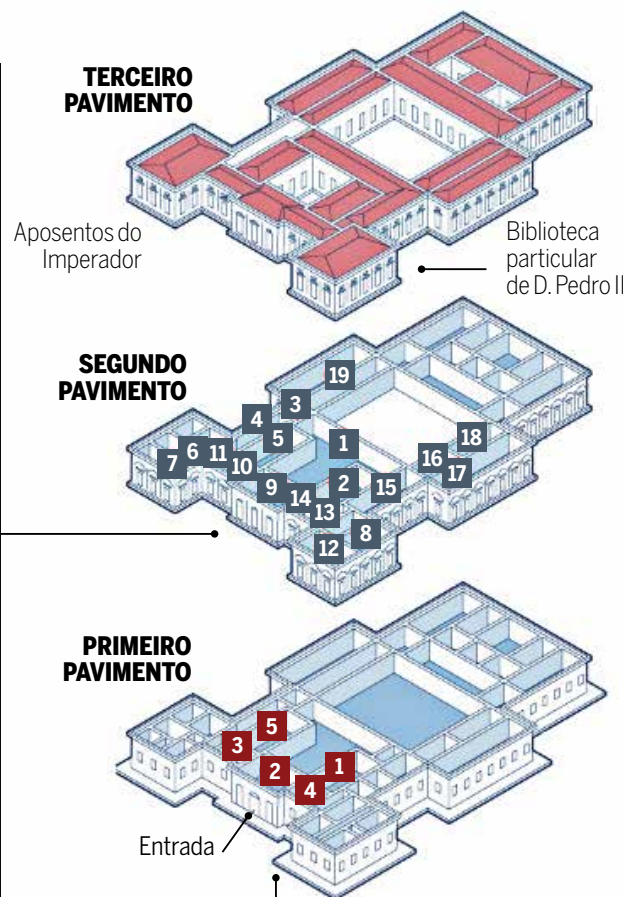
- 1 Preguiça Gigante (Megafauna)
- 2 *Maxakalisaurus topai*
- 3 Evolução do Homem
- 4 Culturas do Mediterrâneo



- 5 Egito Antigo
- 6 Oratório
- 7 Sala da Imperatriz
- 8 Entre Dois Mundos (sala dos diplomatas)
- 9 Horticultores Ceramistas
- 10 Sambaqui



- 11 Luzia, Caçadores/Coletores
- 12 Sala do Trono
- 13 Cronologia
- 14 Culturas do Pacífico
- 15 Etnologia Indígena Brasileira
- 16 Os Karajás
- 17 Kumbukumbu - África, Memória e Patrimônio
- 18 Aves do Museu Nacional
- 19 Conchas, Corais, Borboletas



1 Auditório Roquette Pinto



2 Meteorito Bendegó



3 Meteoritos, Assim na Terra como no Céu

4 Um Tiranossauro no Museu

5 Revolução das Plantas



CAMILLE PERISSÉ / ARQUIVO ADUFRJ

SEIS INCÊNDIOS EM 8 ANOS

INCÊNDIO DO MUSEU É O MAIS TRÁGICO DE UMA TRISTE SEQUÊNCIA EM VÁRIOS PRÉDIOS DA UFRJ, NOS ÚLTIMOS ANOS

CONFIRA:
28 de março de 2011: Durante obra de restauração, um incêndio na **Capela São Pedro de Alcântara**, no terceiro andar do Palácio Universitário, se alastrou para os pavimentos inferiores. O auditório Anísio Teixeira, no primeiro andar, ficou praticamente destruído. O local abrigava todo o material de consumo e mobiliário da Faculdade de Educação

10 de setembro de 2012: Incêndio destrói almoxarifado da Faculdade de Letras, na Ilha do Fundão

10 de dezembro de 2014: Laboratório do Instituto de Microbiologia, no segundo andar do bloco I do Centro de Ciências da Saúde, é parcialmente consumido pelas chamas

3 de outubro de 2016: Fogo consumiu oitavo andar do prédio da reitoria, no Fundão. Edifício está parcialmente interditado até hoje, prejudicando atividades acadêmicas e administrativas.

2 de agosto de 2017: O bloco B do alojamento estudantil foi atingido por um incêndio que começou na madrugada. O foco foi detectado em um dos quartos no primeiro andar e o fogo se alastrou para outros apartamentos. Um estudante pulou do segundo andar e fraturou uma das pernas.

ARQUEOLOGIA DOS ESCOMBROS

TOMAZ SILVA / AGÊNCIA BRASIL

FERNANDA DA ESCÓSSIA
 fernanda@adufjrj.org.br

Pareciam pedras comuns. Entulho de obra, resto de construção. Mas a professora Elizabeth Zuccolotto tanto pediu, tanto chorou, que os bombeiros concordaram em escoltá-la entre os escombros do Museu Nacional, na manhã seguinte ao incêndio, para que ela levasse, num depósito plástico, as benditas pedras — na verdade, 24 fragmentos de meteoritos daquela que era a maior coleção do tipo no país. Curadora da coleção, Elizabeth diz que sobraram itens simbólicos, como o Bendegó — um gigante de 5,6 toneladas achado em 1784 no interior da Bahia e levado ao Museu em 1888.



RETIRADA DE ENTULHOS do Museu: trabalho exigirá perícia para identificar peças do acervo

TÂNIA RÊGO/AGÊNCIA BRASIL



DOCUMENTO achado na Quinta após o incêndio



RESISTÊNCIA Placa lembra marco histórico

Ainda não há um inventário definitivo do que sobreviveu. O professor Paulo Buckup entrou no prédio em meio às chamas e, com a ajuda de um técnico e bombeiros, tateando no escuro, salvou milhares de exemplares da coleção de moluscos. “São animais preservados, tal como descritos pela primeira vez no Brasil. São insubstituíveis”, afirma.

O anexo subterrâneo do Museu, que

guardava a coleção de invertebrados, com 180 mil itens, não foi atingido pelo fogo. Também se salvou o que estava no prédio auxiliar do Museu no Horto Botânico: a biblioteca central, com 500 mil exemplares, o herbário (com 550

mil itens), e 460 mil itens do Departamento de Vertebrados. Dos escombros foram retiradas peças avulsas, como o quadro do Marechal Rondon e pedaços de um crânio - mas não há confirmação se é o de Luzia, ser humano mais antigo das Américas.

O Museu pede que quem encontrar itens os leve à Biblioteca. A Polícia Federal iniciou uma perícia para tentar identificar o início e o motivo do incêndio. O prédio está interditado, e a Defesa Civil analisará se será necessário escoramento. Quando o prédio for liberado, arqueólogos do Museu, com apoio da Unesco, começarão nos escombros um trabalho que nem em seus piores pesadelos imaginaram executar: a arqueologia de uma história e uma memória que pertencem ao país, mas também a eles.

FOTOS: FERNANDO SOUZA

DEPOIMENTOS

“Mal consegui subir a ladeira olhando o prédio. Não dá para descrever o que sinto. Eu estava trabalhando num grupo de 186 quadros para inventariar. Tudo destruído, imagino. O Museu é um lugar que defende a História.”

VALÉRIA RIVERA
 Técnica de restauração do Museu



CHOQUE
 Servidores e bombeiros assistem à destruição do prédio

“Ontem à noite, entramos e retiramos algumas peças, mas perdemos um tempo precioso porque não tinha água. É muito triste olhar daqui de baixo e ver tudo destruído. Estou me sentindo despejado.”

MARCO AURÉLIO CALDAS
 Museólogo, técnico do Museu

“Não temos como calcular a perda. Muitas peças eram únicas. São 200 anos de coletas. Havia exemplares que não existem mais, desapareceram. Havia um retrato da biodiversidade do Rio que não há mais como recuperar”.

DANIELA RODRIGUES
 Docente do Instituto de Biologia da UFRJ



EM MEIO
 às chamas, engenheiro Marcos Mackay salva equipamentos

“Estou no fim do doutorado, não perdi a pesquisa nem a tese, mas tudo o que se relacionava com ela, sim. A universidade pulsava dentro do Museu. Ela estava viva ali! Apesar de todo o descaso, era um espaço de aprendizado.”

ULIANA ESTEVES
 Doutoranda em Antropologia no Museu

ANÚNCIO DE MEDIDAS Rossieli Soares (Educação), Dyogo Oliveira (BNDES), Eliseu Padilha (Casa Civil) e Sérgio Sá Leitão (Cultura)



ANTONIO CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

SOLIDARIEDADE E MOBILIZAÇÃO

FOTOS: FERNANDO SOUZA

A semana foi marcada por atos em defesa do Museu Nacional e da UFRJ, que celebrou 98 anos. Uma plenária realizada na Quinta da Boa Vista na manhã do dia 6, reuniu 500 pessoas, reitores de várias universidades do Rio e do Brasil, além de diversas organizações, a Adufrj entre elas.

O reitor Roberto Leher disse que o incêndio foi o momento mais difícil da universidade e conclamou a comunidade acadêmica a se unir. “Apesar de toda a dor, devemos celebrar a história da UFRJ. A presença de tantos estudantes aqui é simbólica e demonstra a importância do Museu para o ensino e a formação das novas gerações”, afirmou. “O Museu não é passível de ser desmembrado. Ele é a UFRJ”, destacou.

A presidente da Adufrj, professora



SOLIDARIEDADE Instituições de todo o mundo enviaram cartas e moções de apoio ao Museu Nacional

ELES QUEREM TIRAR O MUSEU DA UFRJ

DA REDAÇÃO

comunica@adufjrj.org.br

O governo Temer aproveitou a tragédia do Museu Nacional para vender sua agenda econômica e política. Culpou a universidade pelo incêndio e usou o evento mais dramático da instituição para colocar em xeque a capacidade da comunidade acadêmica de fazer a gestão do Museu. Nas últimas 72 horas, o presidente acenou com um providencial repasse de R\$ 15 milhões — nunca antes oferecido — recebeu banqueiros e empresários. Ao fim de cada reunião, o mesmo *briefing*: “Precisamos rediscutir a gestão do Museu”, como resumiu o ministro símbolo da gestão Temer, Eliseu Padilha, chefe da Casa Civil.

Anunciada como modernização, a

ideia é passar a gestão para organizações sociais. “São medidas transformadoras. O assunto será discutido no âmbito do Comitê Gestor”, concluiu o ministro da Cultura, Sérgio Sá Leitão. O comitê é formado por representantes dos ministros e dos bancos públicos.

Em nota, a reitoria da UFRJ destacou que não existem obstáculos jurídicos para parcerias da iniciativa privada com a Universidade. Mas descartou perder o controle do Museu: “Transformar uma unidade em Organização Social está fora da pauta das universidades federais brasileiras. Toda forma de colaboração da iniciativa privada com as instituições federais de ensino superior está concebida no Marco Legal da Ciência e Tecnologia, que mantém as características de cada instituição universitária”.

Nessa direção da parceria com a ini-

ciativa privada sob o controle da universidade, o governo prometeu, mas ainda não assinou a Medida Provisória para a criação de fundos patrimoniais voltados a instituições culturais e educacionais. “Ao fazermos a mobilização por recursos, teremos as condições de recebê-los sem limitação orçamentária”, disse o ministro da Educação, Rossieli Soares.

PLANO

Sobre o repasse dos R\$ 15 milhões, a reitoria e o governo federal definiram um plano de uso do dinheiro: R\$ 10 milhões servirão para a cobertura do Museu, ancoragem das paredes e a realização de um inventário do que sobrou do acervo. Os outros R\$ 5 milhões serão usados para a elaboração dos projetos básico e executivo da reconstrução do prédio principal do Museu.



COMOÇÃO Ato teve presença de 500 pessoas

Maria Lúcia Werneck Vianna, destacou a união da comunidade: “É uma mensagem de unidade para prestar solidariedade ao reitor contra a tentativa

injuriosa de culpar a reitoria e a direção do Museu pelo incêndio”. Para ela, é fundamental resistir, apesar da dor. “Dizer que a UFRJ não tem capacidade de gestão de seus espaços é dizer que ela não tem capacidade de existir. Mas ela existe. E seguirá existindo”, afirmou.

Professor da Coppe, Luiz Pinguelli Rosa considera que a mobilização é um momento de repúdio aos ataques que a UFRJ tem sofrido. “Parte da mídia está usando o incêndio de forma oportunista para deslegitimar o ensino superior público e a UFRJ. Estamos aqui repudiando isso e apoiando o Museu”, afirmou.

O vice-presidente da Andifes, João Carlos Pires da Silva, reafirmou a solidariedade à UFRJ: “O resgate do Museu só será possível se passar pela universidade”. Professores, técnicos e estudantes

destacaram a necessidade de manter os departamentos da instituição juntos. “Estamos compartilhando espaços para acolher quem precisa e manter as atividades. Não queremos a fragmentação”, afirmou Débora Pires, professora do Departamento de Botânica do Museu.



RESISTÊNCIA Maria Lúcia, presidente da Adufrj

MUNDO PRIORIZA CIÊNCIA E CULTURA

■ Iniciativas adotadas por museus mundo a fora apontam alternativas para sobreviver num cenário de cortes — ainda que nada se compare ao deserto de recursos que se vê no Brasil. Com a garantia de prioridade no orçamento, os museus podem buscar outras fontes de recursos. François Mairesse, professor

de Museologia e Economia Cultural da Universidade de Sorbonne, afirma que os grandes museus europeus têm 50% dos recursos provenientes do mercado, sendo cerca de 15 a 20% fruto da bilheteria. No Louvre, museu mais famoso e visitado do mundo, em 2017, apenas 41% da receita da instituição vinha dos cofres



públicos. Os outros 59%, correspondentes a 146 milhões de euros, se dividiam entre bilheteria, mecenato, patrocínio e aluguel dos espaços. Em 2017, 289 mil brasileiros foram ao Louvre, mais que o total de visitantes do Museu Nacional no mesmo ano, 192 mil.

O Museu D’Orsay, na França, recebe

doações de uma rede de empresas. Todo patrocínio à instituição acarreta redução de 60% do imposto. Guggenheim, Moma e Metropolitan, museus de Nova York, além da receita da bilheteria, recebem doações filantrópicas e patrocínio. Lucram com licenciamento de suas marcas e aluguel das instalações.

O Tate Modern, na Inglaterra, é público e tem 70% da receita anual de fontes não governamentais. O museu oferece patrocínio a empresas em troca de benefícios para funcionários e clientes. Os museus do Vaticano lucram com venda de ingressos e recebem patrocínio. (Kathlen Barbosa)

ENTREVISTA | ALEXANDER KELLNER, DIRETOR DO MUSEU NACIONAL

“ESTÃO QUERENDO ACHAR CULPADOS”

Para o diretor do Museu Nacional, o paleontólogo Alexander Kellner, o incêndio na instituição acabou provocando um tiroteio covarde em cima da UFRJ. “Os governos não fazem nada e querem botar na conta na UFRJ”, afirmou.

FERNANDA DA ESCÓSSIA
fernanda@adufjrj.org.br

■ Nesses últimos anos, o Museu Nacional recebeu menos do que o senhor esperava da própria UFRJ?

● **Kellner:** Bem menos. Eu gostaria do mínimo, mas eu não recebi o mínimo. Eu acabei de chegar, entrei em fevereiro. Não posso nem dizer que iam cortar. Posso dizer que no passado cortaram. Eu não estava querendo deixar cortar não. Não estava entusiasmado com a ideia de que fossem cortar o orçamento e já tinha manifestado isso. O valor destinado de quinhentos e poucos mil reais é muito pouco. Existe um passivo da UFRJ com o Museu. Seria leviano dizer que esta atual administração poderia resolver essa questão. Nunca tivemos uma reitoria tão próxima como essa atual. Esteve ao nosso lado, patrocinou a festa dos 200 anos. Esta é, nos últimos 20 anos, a Reitoria mais próxima do Museu. Isso tem que ser dito. Estão todos querendo achar culpados, e isso não seria correto com essas pessoas.



FOTOS: JOÃO LAET

■ Há culpados?

● Pode dizer que o diretor responsabiliza o governo federal, nos últimos 20 anos, pela situação calamitosa à qual chegamos hoje. É responsabilidade do governo federal. Em nenhum museu de grande porte onde foi feita a revitalização necessária, que no nosso caso específico, envolve uma readaptação, em nenhum lugar foi feito com a verba de custeio, com o dinheiro da UFRJ. Precisa de uma verba especificamente para isso. A maior prova do abandono da instituição pode ser comprovado na comemoração dos 200 anos do Museu. O presidente não veio e nenhum ministro veio. Todos foram convidados. O prefeito veio? Não. Desde que assumi estou tentando conversar com o prefeito. A questão central é a Quinta da Boa Vista.

■ Sobre a manutenção do sistema anti-incêndio: havia extintores, seguro, o que havia?

● Tínhamos extintores e estavam em dia. Pela primeira vez, fizemos um acordo com a Defesa Civil e estávamos treinando funcionários para prevenção do incêndio. Porta corta-fogo não tinha.

■ Faltou água para combater o incêndio?

● Quando entrei no Palácio, o primeiro andar e o segundo andar não estavam em chamas. Reclamei com os bombeiros, joguem água, joguem água. E não tinha água. Como você combate incêndio sem água? É impressão minha que, se os bombeiros tivessem pelo menos

água, o Museu não teria queimado. A gente precisa apurar as causas do incêndio. A gente tem que apurar. A gente quer saber.

■ E seguro? O Museu tinha?

● Não tem. Me diz quem tem. Onde tem seguro? Quanto vale uma múmia? Quem ia pagar esse seguro? O mais triste é que se passaram 20 anos para a gente conseguir esse dinheiro, e agora nós conseguimos com o BNDES. O dinheiro veio, mas foi tarde.

■ Há um debate público sobre as verbas repassadas ao Museu. A UFRJ tem sido cobrada. Gostaria de ouvir sua posição...

● Entrei no Museu em 1997. Havia um clamor para que a gente fizesse adaptações no Palácio para que ele se transformasse em termos visuais e de segurança, e estivesse em paralelo com o que a gente precisa. Aquele Palácio nunca foi preparado para ser um Museu. Era uma moradia. Ele se transformou na sede do Museu Nacional em 1891, 92. Você teve essa necessária adaptação para que uma casa onde as pessoas viviam fosse um centro de exposições.

■ O prédio tinha segurança?

● O prédio foi tombado pelo Iphan. Era necessário realizar uma readaptação deste Palácio para que pudessem ser desenvolvidas as ações de segurança. Querem que se faça isso com uma verba simples de custeio é inviável. Não dá. Esse é o ponto que tem que ser colocado.

Em 2014 foi aprovada uma emenda parlamentar de R\$ 20 milhões de reais para o Museu Nacional. E essa emenda, com esse valor todo, simplesmente foi negada pelo governo. De quem é a responsabilidade? É dos governos. De todos os governos: FHC, Lula, Dilma, Temer. Agora, neste momento, agradeço as medidas emergenciais que estão sendo tomadas.

■ O que o senhor destacaria dessas medidas?

● A liberação emergencial de R\$ 10 milhões. Isso vai permitir que a gente não perca o Palácio. Antes, se me dessem R\$ 10 milhões, eu faria um monte de coisas. Agora só dá para estabilizar o Palácio, colocar tapumes, colocar contêineres para que a gente possa fazer o nosso trabalho, retirar os escombros e, dos escombros, salvar alguma coisa. Continuamos ainda com o pleito do terreno (para colocar parte do acervo). O governo federal e a SPU (Secretaria de Patrimônio da União) estão analisando.

■ Há quem defenda tirar da UFRJ o controle da recuperação do Museu? Como isso está sendo tratado em Brasília?

● Estamos combinando criar uma comissão nacional e outra internacional. Espero e vou reivindicar o controle dessa comissão para o Museu, para a UFRJ.

■ DEPOIMENTOS

As causas últimas desse incêndio, todo o mundo sabe quais são. É o descaso absoluto desse governo, e dos anteriores, para com a cultura. O Brasil é um país onde governar é criar desertos. Desertos naturais, no espaço, com a devastação do cerrado, da Amazônia. Destrói-se a natureza e agora está-se destruindo a cultura, criando-se desertos no tempo. Estamos perdendo com isso parte da história do Brasil e do mundo.”

EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO

Antropólogo e professor do Museu, ao site português Público



“A dúvida não era se poderia acontecer, mas quando. É consequência direta do descaso do poder público. Gastaram milhões num museu do futuro enquanto um museu que guarda a história do Brasil ficou largado às traças.”

WALTER NEVES, professor aposentado da USP, considerado “pai” de Luzia, ao Estadão

“Dentre as causas desta tragédia, estão políticas de austeridade fiscal, que atingem diretamente instituições públicas como as universidades, resultando no abandono de áreas tão sensíveis e fundamentais para o desenvolvimento do Brasil. Neste momento de profunda tristeza e indignação, devemos denunciar as precariedades motivadas pelas restrições de recursos e as dificuldades de gestão, que geram obstáculos à administração.”

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Nota de solidariedade ao Museu Nacional

NOTA DA ADUFRJ SOBRE A TRAGÉDIA DO MUSEU NACIONAL

O INCÊNDIO do Museu Nacional não atingiu apenas o passado; incide sobre o presente e o futuro. Trata-se agora de minimizar perdas que não se resumem a um prédio e objetos quaisquer. O edifício possuía imenso valor histórico e continha arquivos, peças museológicas, exemplares da fauna e flora histórica e pré-histórica, testemunhas da paleontologia. Os prejuízos são incomensuráveis e abalam as perspectivas de manter a capacidade de interpretar e produzir conhecimentos sobre o país, seus povos e sua cultura.

A ADUFRJ APOIA todos os esforços da direção do Museu Nacional, seus professores, servidores técnicos-administrativos e alunos, bem como da Reitoria para desencadear medidas de curto e médio prazo voltadas a garantir continuidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

EXIGIMOS A RECONSTRUÇÃO do Palácio, reorganização de coleções e reinstalação imediata das pessoas que trabalham no Museu em condições dignas e adequadas.

ESTAREMOS ACOMPANHANDO passo a passo a efetivação de propostas apresentadas pelo governo após a destruição do Museu, inclusive repasses de recursos, início de obras e cessão de terreno.

A TRAJETÓRIA do Museu Nacional é intrinsecamente vinculada à da UFRJ;



FERNANDO SOUZA

o que afeta o Museu diz respeito a todos nós. Ao longo de dois séculos, o Museu Nacional se inseriu com destaque entre as principais instituições de ciências naturais e antropológicas do mundo, e teve competência para se antecipar às transformações do país, sabendo se integrar à vida da cidade. Desde ontem, milhares de crianças e adultos emitem depoimentos emocionados sobre suas visitas ao Museu.

ESSA ONDA de compreensão sobre a relevância de uma instituição pública evidencia que o descaso de órgãos governamentais com a UFRJ não encontra respaldo na sociedade. O Museu precisa mais do que declarações genéricas das autoridades públicas, necessita ações efetivas. A Adufrj está mobilizada para colaborar com toda e qualquer atividade de apoio objetivo ao Museu Nacional.

ESTAMOS À ALTURA DA PERDA QUE TIVEMOS?



Eduardo Raupp de Vargas
Vice-presidente da Adufrj e professor do Coppead

NEM SEMPRE é fácil separar o que é Fato e o que é Fake. Talvez por isso O Globo escolha fatos para trazer uma narrativa fake sobre o orçamento da UFRJ. Seu serviço de checagem certamente registrará isso em breve. Ou não.

A ABSURDA e proposital confusão sobre a evolução do orçamento da UFRJ, promovida pelo núcleo moribundo do governo federal, tem como propósito sustentar a crença de que a ineficiência administrativa da universidade é a assassina do Museu Nacional. O governo usa dados sem correção da inflação, mistura rubricas orçamentárias que não podem ser movimentadas pela UFRJ, reduz gravemente o financiamento das atividades de ensino, pesquisa, extensão e assistência estudantil e escusa-se das responsabilidades. Absolva-se a administração federal que entrará para a história com os maiores cortes na área de Ciência e Tecnologia e que, ainda assim, ostenta déficits monstruosos ano a ano! Há um teto, mas não há base na política orçamentária. Eis a mensagem temerária.

EM NOME desta bravata, de maneira nem um pouco sutil, associa-se a

filiação partidária de alguns gestores da UFRJ com inépcia administrativa. Aproveita-se para tirar uma lasquinha política diante de uma perda da Humanidade.

ORA, A UNIVERSIDADE tem muitas dificuldades de gestão. Muitas delas superam a questão orçamentária. Mas está muito distante do fisiologismo escancarado que tem (des) estruturado a gestão pública brasileira e que se tenta insinuar ao trazer à baila a questão partidária.

DADOS DO PORTAL da Transparência mostram que, na UFRJ, como de resto ocorre em todas as universidades federais, 93% dos cargos de chefia são ocupados por servidores de carreira. Segundo dados do Ministério do Planejamento, publicados pelo portal G1 (<https://g1.globo.com/politica/noticia/governo-reduz-numero-de-cargos-comissionados-em-2017-mas-aumenta-o-de-ocupantes-sem-concurso.ghtml>), na administração pública federal este número é de apenas 63%.

A UFRJ TEM UM ESFORÇO importante de captação de recursos. Este tema é polêmico internamente, mas demonstra que a Universidade busca sim meios complementares para financiar seus projetos. Dados do Portal da Transparência mostram que até este momento, em 2018, a UFRJ arrecadou, via fundações de apoio, mais de 282 milhões de reais. Somados à receita própria prevista, que beira os 60 milhões de reais, verifica-se que

a UFRJ consegue captar quase o mesmo valor de todo seu orçamento previsto para custeio pelo governo federal.

JÁ É UMA REALIDADE, portanto, a busca de fontes alternativas de receita. Mas mesmo neste quesito o governo federal, em função do teto de gastos, vem sufocando a Universidade e propôs um corte na LDO 2019 inclusive na previsão de receitas próprias. Sem previsão orçamentária, mesmo que a Universidade consiga arrecadar não poderá gastar estes recursos. Precisamos melhorar muito neste quesito, este ano nossa arrecadação de receitas próprias está muito aquém do previsto, mas a sinalização federal é que este esforço pode ser em vão. Não podemos aceitar os cortes governamentais nem abrir mão das possibilidades de receitas próprias. Há muito a ser feito.

E COMO CASA que produz conhecimento estamos dispostos a debater e avançar nestes pontos. É preciso, por exemplo, apresentar peremptoriamente os critérios que levaram à redução do custeio do Museu. Contextualizar estas medidas é uma obrigação republicana da Reitoria.

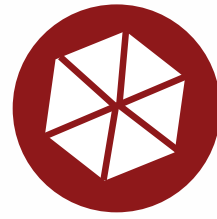
NA HORA EM QUE sucumbe um patrimônio material e simbólico da envergadura do Museu Nacional é preciso que um debate sério possa se estabelecer. Um debate à altura da perda que tivemos. Estamos, por certo, esfacelados. Mas mantemos nossa lucidez e não sucumbiremos.

COMO AJUDAR O MUSEU NACIONAL



Quer colaborar com doações para ajudar financeiramente o Museu Nacional? Faça por meio da **Associação Amigos do Museu Nacional** na conta: **Banco do Brasil Agência: 3010-4 Cc.: 60.618-9 CNPJ: 30024681/0001-99**

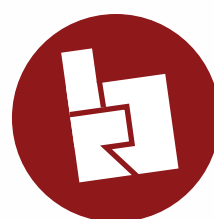
Depois envie o comprovante da doação para sosmuseunacional@samn.org.br



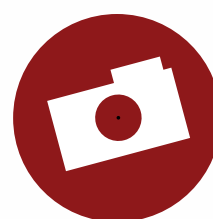
Você achou fragmentos de peças do Museu Nacional? Então, entregue à Biblioteca Central, de segunda a sexta, das 10h às 16h. Ela fica no Horto Botânico, Quinta da Boa Vista.



Tem peças ou cópias digitais que queira doar? Comunique-se pelo e-mail **falecomdiretor@ma.ufrj.br** (assunto: DOAÇÃO)



Quer ser voluntário? Escreva para **falecomdiretor@mn.ufrj.br** (assunto: VOLUNTARIADO)



Possui fotos do acervo? Envie pelo link institucional: museunacional.ufrj.br/memoria Ajude na reconstituição do Museu de forma digital



Está organizando alguma manifestação de apoio ao MN? Avise a gente: **falecomdiretor@mn.ufrj.br** (assunto: MANIFESTAÇÃO)



É de alguma instituição que tem o interesse de nos apoiar concretamente? Aceitamos esses apoios institucionais também pelo e-mail **falecomdiretor@mn.ufrj.br**

Você receberá um recibo da sua doação.

CURSO DE EXTENSÃO

COORDENAÇÃO: PROFA. MARIA LUCIA WERNECK VIANNA

OFERECIDO A ALUNOS, SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS E SERVIDORES DOCENTES DA UFRJ



DOCENTES	
12/09	Claudio Salm
15/09	Laura Carvalho
19/09	Esther Dweck
22/09	David Kupfer
26/09	Carlos Medeiros
29/09	Flavio Gomes
03/10	Joel Birman
06/10	Charles Pessanha
10/10	José Maurício Domingues
17/10	Plínio de Arruda Sampaio
20/10	Raquel Rohnik
24/10	Wanderley Guilherme dos Santos

PERÍODO
DE 12/9 A 24/10/2018

HORÁRIO
QUARTAS
17 ÀS 20H30
SÁBADOS
9 ÀS 12H30

LOCAL
CAMPUS DA UFRJ
NA PRAIA VERMELHA

INTERPRETAÇÕES SOBRE O BRASIL CONTEMPORÂNEO

O CURSO PRETENDE OFERECER SUBSÍDIOS à reflexão e ao debate sobre o Brasil contemporâneo, considerando distintas abordagens sobre o tema. Espera-se estender as fronteiras acadêmicas em direção à sociedade para estimular a produção e difusão de conhecimento crítico sobre o país e seus atuais desafios.

■ Inscrições e informações: cursodeextensao@adufrj.org.br ■ www.cursoextensao.adufrj.org.br ■

AdUFRJ